

PENSADORAS DO ILUMINISMO BRITÂNICO

WOMEN THINKERS FROM THE BRITISH ENLIGHTENMENT

Denis Leite Rodrigues*

SUMÁRIO: Introdução. 1 Margaret Cavendish (1624-1674). 2 Mary Astell (1666-1731). 3 Catharine Macaulay (1731-1791). 4 Mary Wollstonecraft (1759-1797). 5 Mary Somerville (1780-1872). 6 Mary Ann Evans (George Eliot) (1819-1880). 7 Constance Naden (1858-1889). Conclusões. Referências.

RESUMO: O presente artigo se propõe a ser uma compilação concernente às trajetórias de vida e às obras destacadas de pensadoras, em diversos campos do conhecimento e das artes, que colaboraram com a criação intelectual e científica envolvida no que ficou conhecido como Iluminismo Britânico. As citações e informações apresentadas nesta análise sobre os respectivos pensamentos foram obtidas a partir de obras publicadas pelas supracitadas autoras, envolvendo um período histórico que vai do século XVII ao século XIX; e os breves dados biográficos, provenientes de autores diversos. Desta análise, foi obtida uma noção do quanto de brilhantismo, perspicácia, sapiência e erudição tais pensadoras emprestaram às suas criações intelectuais. Mas, além disso, e isso deve ser destacar, todas elas, cada uma do seu modo, estavam conscientes da injustiça do tratamento que o mundo ao redor reservava muitas vezes a si próprias, mas igualmente às mulheres em geral. E, através de sua genialidade e sabedoria, elas colaboraram e muito com o processo de quebra do inaceitável paradigma da não equiparação entre os gêneros da raça humana.

Palavras-chave: pensadoras. iluminismo. Grã-Bretanha. história. filosofia.

ABSTRACT: *This article intends to be a compilation concerning life trajectories and outstanding works of women thinkers in various fields of knowledge and the arts, which collaborated with the intellectual and scientific creation involved in what became known as British Enlightenment. The quotations and information presented in this analysis about their thoughts were obtained from works published by the above authors, involving a historical period that goes from the seventeenth to the nineteenth century; and the brief biographical data from various authors. From this analysis, we get a sense of how much brilliance, insight, wisdom, and erudition such women thinkers have lent to their intellectual creations. But beyond that, and it should be noted, all of them, each in their own way, were aware of the unfairness of the treatment the world around often reserved for themselves, but equally for women in general. And through their genius and wisdom, they have collaborated greatly with the process of breaking the unacceptable paradigm of non-equality between the genders of the human race.*

Keywords: *thinkers. enlightenment. Great-Britain. history. philosophy.*

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Direito - PPGD, do Instituto de Ciências Jurídicas - ICJ, da Universidade Federal do Pará - UFPA. Autor do livro "Bens imóveis do patrimônio histórico-cultural de Belém e de Buenos Aires", publicado em 2018 pela editora Paka-Tatu, de Belém/PA.

Artigo recebido em 08/08/2019 e aceito em 04/10/2019.

Como citar: RODRIGUES, Denis Leite. Pensadoras do iluminismo britânico. **Revista de Estudos Jurídicos UNESP**, Franca, ano 23, n. 37, p. 185-210. jan/jun. 2019. Disponível em: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/estudosjuridicosunesp/issue/archive>.

INTRODUÇÃO

Respondendo a um questionamento de um jornal de Berlin, Immanuel Kant teceu algumas palavras sobre o momento histórico que permeia esta análise. Disse ele: “O que é o iluminismo? É a elevação do ser humano de sua auto-imposta imaturidade. Imaturidade seria a incapacidade de usar o próprio entendimento sem a orientação de outrem”² (WARMAN, 2016, p. 35 – tradução nossa). E continuou sua resposta, acrescentando que “esta imaturidade é auto-imposta se sua causa se fixa não na falta de compreensão, mas na indecisão e na ausência de coragem no sentido de usar o próprio intelecto sem ajuda alheia”³ (WARMAN, 2016, p. 35 – tradução nossa). Ao final, declarou: “*Sapere aude!* Ter a coragem de usar o próprio entendimento é, portanto, o lema do iluminismo”⁴ (WARMAN, 2016, p. 35).

Uma tradução ao português da expressão em latim *sapere aude* seria: ouse saber! É, sem dúvida, uma instigação às pessoas daquele tempo, no sentido de buscar conhecer as coisas, propor soluções para problemas, construir pensamentos sobre a vida humana e o mundo que as cerca.

O artigo ora apresentado tem a pretensão de expor um pouco da criação intelectual de eminentes pensadoras britânicas que, cada uma no seu estilo, deixou um importante legado à posteridade, através de suas reflexões sócio-políticas sobre seu tempo e lugar, em meio ao momento histórico e intelectual comumente chamado de iluminismo.

Com efeito, ao contrário do que comumente é pensado, no iluminismo, notadamente o britânico (envolvendo países diversos como a Inglaterra e a Escócia), não se destacaram somente pensamentos de autores do sexo masculino, mas igualmente houve autoras, e estas igualmente com obras de rigor científico e de críticas contundentes à respectiva realidade social reinante.

Sarah Knott e Barbara Taylor, na introdução geral da obra por elas editada denominada *Woman, gender and enlightenment*, questionaram onde poderiam ser achadas as autoras iluministas e seus seguidores. Para

² “What is Enlightenment? It is man’s emergence from his self-imposed immaturity. Immaturity is the inability to use one’s own understanding without guidance from someone else.”

³ “This immaturity is self-imposed if its cause lies not in any lack of understanding but in indecision and in the lack of courage to use one’s own mind without the help of someone else.”

⁴ “*Sapere aude!* Have the courage to use your own understanding is therefore the motto of the Enlightenment”

dar a resposta, as autoras inicialmente caracterizaram o iluminismo, afirmando que o mesmo “*was a living world where ideas were conveyed not only through ‘high’ philosophical works but also through novels, poetry, advice literature, popular theology, journalism*” (KNOTT; TAYLOR, 2005, p. XVII). As autoras, a seguir, quanto ao específico tema ora tratado, escreveram: “*women made a major contribution to many of these genres, particularly advice literature and the novel, while beyond the authorial scene many more women were to be found practicing Enlightenment in less conspicuous ways*” (KNOTT; TAYLOR, 2005, p. XVII). E quais seriam, por exemplo, tais formas menos evidentes?

É de se notar, como Knott e Taylor acentuam, que, além do texto escrito, houve outras formas de manifestação do pensamento iluminista; tais como conversação, leitura (tanto no âmbito público quanto privado) e pedagogia; sendo que tais técnicas eram vistas como mais adaptáveis para as mulheres (KNOTT; TAYLOR, 2005, p. XVII). E essa posição chave reconhecida às mulheres neste contexto se justificou, afirmam as autoras, pois aquelas eram pessoas “*whose refined tastes and improving cultural influence were key motifs of Enlightenment thought*” (KNOTT; TAYLOR, 2005, p. XVII).

Considerando ser o iluminismo britânico o cenário histórico da presente análise, é de se notar que o espaço físico correspondente não se fixará unicamente à Inglaterra, havendo também referências daquele movimento em países desta comunidade de nações, como é o caso da Escócia.

Referindo-se especificamente ao contexto escocês da presença feminina no iluminismo, Henry Grey Graham comenta que no decorrer do século XVIII as mulheres escocesas não alcançaram uma posição na literatura equivalente à que suas contrapartes inglesas, mais ambiciosas e engajadas, acabariam conseguindo (GRAHAM, 1901, p. 321). Não obstante, o autor, atentando para a destacada criação, por parte de autoras escocesas, de canções populares que se fixaram na memória popular, afirma: “*it is remarkable how many and how good the songs were which came from ladies who were unpractised in literary art*” (GRAHAM, 1901, p. 321).

No momento histórico da publicação de seu texto, qual seja o início do século XX, Graham, fazendo uma comparação entre o legado de autoras inglesas e escocesas, coloca que se aquelas “*wrote little only a lyric it had not the proverbial fate of ‘an old song’, it lived on the lips and lingered in the ears of the people, when the works of more formidable and learned women stood forgotten on the shelves*” (GRAHAM, 1901, p.

321). Nesta afirmação, reconhece-se o ainda então esquecimento de tantos ricos textos presentes nos escritos de muitas pensadoras do iluminismo, criações intelectuais essas que teriam ainda que esperar para terem sua merecedora valorização.

Especificamente, quanto à muitas das ora mencionadas autoras escocesas, diz Henry Grey Graham: “*who perhaps wrote one lyric, and ever after held their peace; who were too careless to achieve fame, or too modest to seek it, and kept their names unknown from the world*” (GRAHAM, 1901, p. 321). O autor, em sua obra, lista, dentre as principais iluministas da Escócia: Elizabeth, Lady Wardlaw of Pitreavie (1677-1727) (GRAHAM, 1901, p. 321-323); Lady Grisell Baillie (1665-1746) (GRAHAM, 1901, p. 323-328); Mrs. Cockburn, antes Mistress Alison Rutherford (1712-1794) (GRAHAM, 1901, p. 329-334); Miss Jean Elliot (1727-1805) (GRAHAM, 1901, p. 334-337); Lady Anne Barnard (1750-1825) (GRAHAM, 1901, p. 337-347); Carolina Oliphant, Lady Nairne (1766-1845) (GRAHAM, 1901, p. 347-351).

Os capítulos à frente se dedicarão a expor breves informações sobre a trajetória e obras de, assim como o foram estas valorosas artistas escocesas supracitadas, igualmente sábias e talentosas pensadoras britânicas que, mesmo contra adversidades e preconceitos de toda ordem, legaram valiosas obras para o arcabouço intelectual do iluminismo britânico e, mais ainda, para a cultura geral de toda a civilização.

Este estudo, que poderia ser considerado uma verdadeira compilação, no que diz respeito às exposições das biografias (comumente feito por outros autores) e obras das pensadoras à frente analisadas, procurou ter como base, em regra, os respectivos escritos em seu idioma pátrio e, dentro do possível, na época em que foram originalmente publicados. Com isso, e considerando que há trabalhos possivelmente ainda inéditos no Brasil e procurando ser o mais fiel possível ao pensamento da respectiva autora, os capítulos procuraram sempre expor as linhas originais dos pensamentos colhidos nos livros, em regra por meio de traduções (cujos possíveis erros devem ser creditados ao autor desta análise) para melhor e mais breve entendimento do público interessado, com eventuais textos na sua versão original em inglês citados em notas de rodapé.

Para os fins desta análise, buscar-se-ão as obras de autoras cuja criação intelectual abarca um período que se inicia no século XVII e se prolonga até parte considerável do século XIX, sendo, portanto intermediado pelo século XVIII, que é, por excelência, visto como o do

apogeu do que historicamente se chama Iluminismo. A bem da verdade, para pensadores como Gertrude Himmelfarb, teria sido, “no início do século XVIII, que o iluminismo britânico originou-se” (HIMMELFARB, 2011, p. 16). Não obstante o posicionamento da eminente historiadora, ousa-se discordar de sua douda opinião, pois considera-se que, conforme se verá na análise à frente, não obstante, como já dito anteriormente, o século XVIII concentrar boa parte da produção intelectual que caracteriza o iluminismo, pode-se encontrar as primeiras manifestações de sua natureza no século anterior a este, bem como ainda seriam entendidas como produções típicas do período, as obras de eminentes autoras já do século XIX.

1 MARGARET CAVENDISH (1624-1674)

Encontra-se, entre os escritos presentes no livro *The cavalier and his lady, selections from the works of the First Duke and Duchess of Newcastle*, editado (com um ensaio introdutório) por Edward Jenkins, um texto denominado *A true relation of my birth, breeding and life*, escrito em 1656, que vem a ser a autobiografia da então Marquesa de Newcastle, que posteriormente se tornaria Duquesa, títulos nobiliárquicos de Margaret Cavendish. Esta obra foi escrita quando a autora estava com a idade de 33 anos (BRITISH LIBRARY, 2019).

Falando nesta autobiografia sobre o *modus operandi* de sua criação intelectual, Cavendish declarou que passa seu tempo mais rabiscando que escrevendo, mais com palavras do que com observações presenciais; e isso não porque fale muito, mas em função de ser mais devotada à contemplação (CAVENDISH, 1872, p. 63). Diz a autora que quando seus pensamentos são traduzidos em palavras, dão mais liberdade para a ela para serem colocados no papel de forma mais metódica, “*marching more regularly with my pen on the ground of white paper*” (CAVENDISH, 1872, p. 63-64). Revelando sua postura frente à vida, Margaret Cavendish afirmou que foi criada para revelar pensamentos altivos e não para um espírito abatido, e, além disso, em suas próprias palavras: “*my life had been ruled with honesty, attended by modesty, and directed by truth*” (CAVENDISH, 1872, p. 67-68).

Em suas reflexões sobre as mulheres na Inglaterra de seu tempo, a autora considera que os costumes, tal qual as leis, estariam alterados (em face de tempos passados), em um contexto tal onde aquelas pessoas se tornam defensoras, advogadas, peticionárias e afins, “*running about with their several causes, complaining of their several grievances, exclaiming*

against their several enemies” (CAVENDISH, 1872, p. 56). E adiciona que, em sua opinião, se as pessoas do seu sexo ponderassem e refletissem, perceberiam que não é com palavras ou poder que irão avançar, e sim com valor e mérito (CAVENDISH, 1872, p. 56). Percebe-se aqui, em face de uma mudança constatada na Inglaterra de então, uma postura feminina notadamente mais atuante socialmente e de consciência maior do seu valor intrínseco.

Na sua primeira obra, de nome *Poems and fancies*, Cavendish apresenta o texto denominado *The animal parliament*, onde faz um curioso paralelo entre a estrutura do ser humano e a de uma sociedade organizada. Segundo a autora, o animal ser humano seria composto por três partes; quais sejam a alma, o corpo e os pensamentos; que corresponderiam, em uma sociedade; à vontade, imaginações e paixões. A alma é o monarca; o espírito, a nobreza; os humores e apetites, a comunidade. A cabeça corresponde à casa do parlamento, e, no extremo superior desta citada casa, se encontra o monarca em seu trono, devidamente cercado pela nobreza. Os dois arcebispos seriam a admiração e adoração; e quanto ao resto, a apreensão, o ressentimento e o espanto. Os cinco sentidos vêm a ser os juízes. E o copista, que a tudo escreve, a memória (CAVENDISH, 1653, p. 199).

Em seu livro *Philosophical and physical opinions*, Margaret Cavendish, no texto *To the reader*, afirma: “*the Soul of a Common-Wealth is actual justice, and industry. The Soul of a man is Contemplation, Reason, and imagination. And the body of a Common-Wealth, is the Citizens therein, and Magistrates thereof*” (CAVENDISH, 1655, p. 9). Ainda sobre esta *common-wealth*, diz a autora que sua força reside em suas leis (CAVENDISH, 1655, p. 9). Há aqui, sem dúvida, considerações de ordem sócio-jurídica.

Na sua obra *The description of a new world, called the blazing world*, a autora escreveu que como resultado de sua reflexão e percepção racional, em face de observações que a mesma efetuou sobre a natureza, pode afirmar que a mesma poderia ser entendida como um corpo infinito com movimento próprio (CAVENDISH, 1668, p. 47). E este corpo, em virtude de ser infinito e de seu movimento próprio, possui partes que se caracterizam por serem inquietas, sofrerem perpétuas mudanças “*and transmutations by their infinite compositions and divisions*” (CAVENDISH, 1668, p. 47-48). Margaret Cavendish, tal qual se vê nesta última obra, teceu, em algumas de suas criações, postulados sobre a ciência da natureza.

2 MARY ASTELL (1666-1731)

Como, não raro, para se entender a postura e a forma de pensar de determinado autor, revelados em sua criação intelectual, se torna bastante útil se conhecer a trajetória de vida do respectivo sujeito, as biografias confiáveis escritas por outrem a seu respeito acabam por ser um manancial de preciosas informações. É o que se dá neste presente caso de Mary Astell, a partir de uma biografia escrita por Florence Smith. Como se verá, de forma similar ocorrerá com outras pensadoras vistas à frente.

Na citada obra de Smith, ao comentar sobre a personalidade da autora ora em foco, em sua juventude, e sua ligação com o pai, Peter Astell, escreve a biógrafa: “*if traces of heredity can be trusted, Mary Astell’s family provided the ideals and the characteristics that developed strongly in her later*” (SMITH, 1916, p. 6).

Observando a vida da corte inglesa, em Chelsea, onde residia em determinado período de sua vida, Mary Astell pôde, por experiência própria, se assegurar da necessidade de uma mudança nas vidas das mulheres (SMITH, 1916, p. 9).

Smith, em sua biografia sobre Astell, oferece um relato a respeito das principais obras desta. Diz a supracitada biógrafa que em 1694 houve a primeira publicação da autora, uma obra denominada *A Serious Proposal To the Ladies For the Advancement of their True and greatest Interest*, a qual se seguiu um volume II em 1697, bem como outras edições daquela, que demonstram a boa receptividade conferida ao livro (SMITH, 1916, p. 19).

Em meio às obras supramencionadas, ocorre em 1695, a partir de uma solicitação de John Norris, reitor da Bemerton School, a publicação da correspondência entre ele e Astell, reunida na obra intitulada *Letters Concerning the Love of God*, obra esta que, quanto à anuência da autora quanto à esta publicação, a biógrafa Smith destaca que Astell só aceitou divulgar porque sentiu que as mulheres poderiam ser incentivadas a ler um livro escrito por uma mulher (SMITH, 1916, p. 19).

Em 1700, publicou-se um livro com o título *Some Reflections upon Marriage Occasioned by the Duke and Duchess of Mazarine’s Case*, e, em 1705, Astell encerrou sua carreira ativa de panfletária com uma obra chamada *The Christian Religion As Profess’d by a Daughter of the Church of England*, que resumiu sua teoria educacional e religiosa (SMITH, 1916, p. 19-20).

Deve-se destacar a iniciativa de Mary Astell, presente no seu livro *A serious proposal to the ladies for the advancement of their true and greatest interest*, no sentido dela apresentar uma sugestão que apontava no sentido de que deveria ser estabelecida uma instituição para a formação de mulheres, em linhas não somente religiosas, mas igualmente seculares. Tal sugestão não só recebeu imediata e grande repercussão, como também foi vista de forma favorável em diversos quadrantes (SMITH, 1916, p. 20).

Antes de seu falecimento, Astell teve o prazer de ver a criação de uma instituição neste molde, em Chelsea. Diz sua biógrafa, sobre tal entidade educacional: “*this charity school for the education of the daughters of the Pensioners of Chelsea Hospital was established in 1729 by the Right Honorable Lady Catherine Jones, Lady Elizabeth Hastings, Lady Ann Coventry and other benevolent persons*” (SMITH, 1916, p. 32-33). Mary Astell faleceu em 9 de maio de 1731.

Quanto à temática de seus escritos, sua biografia informa que “*although her writings touched a wide variety of fields, political, social, and philosophical, her chief interests were educational*” (SMITH, 1916, p. 35).

No final de seu relato biográfico, Smith pontua que a independência de Mary Astell trouxe para a mesma, a um só tempo, a notoriedade e o isolamento que bem caracterizam as pessoas pioneiras. Reconhece-se também em Astell que, a oposição que sofreu em certos momentos fez surgir um certo endurecimento em suas relações sociais e um recolhimento nos valores da religião. Outrossim, Mary Astell, ainda em vida, reteve a afeição de todas as mulheres que ela tinha influenciado (SMITH, 1916, p. 35).

Em relação especificamente às obras de Mary Astell, algumas passagens podem ser destacadas. Inicialmente, no seu livro *A serious proposal to the ladies*, a autora reflete sobre a verdadeira e essencial beleza a ser observada e reconhecida nos seres humanos. Escreve ela, que embora a beleza corporal lance inegavelmente um certo brilho ao redor, as mentes das pessoas são infinitamente mais brilhantes e radiantes (algo que se certas pessoas tivessem consciência, por mais bonita fisicamente que fossem e valorizassem tal atributo, acabariam por desdenhar e negligenciar o caráter vil que isso envolve) (ASTELL, 1697, p. 10). Adiciona ainda Astell, que o tempo, inimigo mortal dos rostos bonitos, não tem influência alguma sobre uma alma adorável, a não ser para melhorá-la e aperfeiçoá-la (ASTELL, 1697, p. 10).

Na supracitada obra *Letters concerning the love of God*, onde, conforme dito, se mostra uma correspondência entre Astell e o reitor John

Norris, na *Letter I* dela para o reitor, ela comentou que provavelmente alguns cavalheiros melancólicos de seu tempo e lugar, a teriam remetido para a cozinha ou a costura, que seriam, na opinião destes, labores mais apropriados na vida das mulheres (ASTELL, 1705, p. 12). A seguir, confia a seu interlocutor que ainda espera dele coisas mais justas e sinceras, por ser alguém não retrógrado a ponto de confinar o aprendizado ao seu próprio sexo (o masculino), ou incomodá-lo a ver no dela. Diz ainda Astell a Norris, com evidente ironia, que presume chamar a atenção deste para as impertinências da caneta de uma mulher (ASTELL, 1705, p. 12).

Em seu livro *Some reflections upon marriage*, Mary Astell declara que somente as que sentiram na pele, sabem a dor de se ser forçada a se casar quando não há amor envolvido, e de ser aprisionada pela vida afora à uma pessoa desagradável e com temperamento tirânico, em que a ignorância e a insensatez (os ingredientes da mente de alguém presunçoso, que, na verdade, é o mais insustentável dos tolos) dominam a razão e a inteligência, e, além disso, sofre-se a negação de até mesmo os mais inocentes desejos, sob a justificativa não de um argumento mas da pura e simples autoridade (ASTELL, 1730, p. 4-5). E assim se age por nenhuma outra razão a não ser o prazer e a vontade do senhor e mestre, cuja insensatez sua esposa, mesmo com todo zelo e prudência, não consegue esconder, na medida em que, no mesmo momento em que o obedeça, no fundo tenha por ele desprezo (ASTELL, 1730, p. 5). Uma descrição, de fato, bastante precisa, de uma realidade que ainda persiste na vida de algumas mulheres nos tempos mais recentes.

3 CATHARINE MACAULAY (1731-1791)

Em seu livro *A short biographic dictionary of English literature*, John W. Cousin diz sobre Catharine Macaulay: filha de um proprietário de terras em Kent, foi uma defensora do ideal republicano e simpatizante da revolução francesa; sendo autora de um livro com o título *History of England from the Accession of James I to the Elevation of the House of Hanover* (8 vols., 1763-83), obra esta que teve grande popularidade no seu tempo (COUSIN, 1910, p. 248).

Macaulay, em seu livro intitulado *Observations on a pamphlet, entitled thoughts on the cause of the present discontents*, escreveu: “to the disgrace of human nature, and the plague of society, an able head and an honest heart are but too often separated” (MACAULAY, 1770, p. 6).

Afirma que pelo fato dos males da política não serem, em regra, rastreados até as suas fontes, acaba não sendo surpresa que grande parte da humanidade esteja infelizmente dividida no relativo às suas respectivas aspirações no que concerne ao caminho para resolvê-los (MACAULAY, 1770, p. 8).

Por sua vez, na obra *An address to the people of England, Scotland, and Ireland on the present important crisis of affairs*; a autora afirma que em tais épocas de geral descontentamento, em que quase todos os atos dos governos estimulam o ressentimento e a apreensão naqueles cuja tutela de uma comunidade está sob sua responsabilidade, há várias pessoas entre os seus que, deslumbrados com o esplendor dos tribunais e engordando com os despojos das pessoas, utilizam de seus esforços para obscurecer os entendimentos em relação a tais problemas, problemas esses com que, ao contrário, deviam estar bastante familiarizados (MACAULAY, 1775, p. 10-11).

Continua a autora, nesta parte de sua obra, colocando que haveria ainda em seu tempo outros sujeitos que; não obstante terem as palavras liberdade, constituição e direito continuamente em sua fala; estariam, na verdade, usando cada recurso que possuíam para tornar estes postulados inúteis, postulados esses que, de tempos em tempos, teriam sido erigidos pelos respectivos ancestrais, como formas de mitigação do bárbaro sistema despótico (MACAULAY, 1775, p. 11).

Como uma advertência para os sujeitos de seu tempo, Macaulay afirma que aquelas pessoas supracitadas nos parágrafos anteriores tentam persuadi-los, mas o fato é que aqueles aparentemente mais ansiosos para a proteção de seu país, são os menos interessados no bem-estar de seus povos; e inclusive tais indivíduos têm a audácia de declarar, não obstante a clara contradição com a evidência de seus sentimentos, que tudo corre bem, e que os governantes cumprem fielmente os deveres de seu ofício, e que, além disso, não haveria queixas dignas de serem reclamadas, mas somente aquelas naturais provenientes de facções políticas comuns existentes em uma monarquia limitada (MACAULAY, 1775, p. 11). Ao final, a autora escreve: “*these men have told you, that you are no judges of the state of your political happiness*” (MACAULAY, 1775, p. 11-12).

São observações bastante pertinentes sobre uma consciência política válida, não só para aquele momento histórico e aquela específica nação, mas ainda bastante atual, e para variados contextos de natureza sócio-política.

4 MARY WOLLSTONECRAFT (1759-1797)

Diz sua biografia que a autora nasceu em 1759, e desde o início de sua juventude já exibia traços de extraordinária sensibilidade, entendimento robusto e firmeza de caráter, tendo abandonado a casa de seus pais aos dezenove anos (WOLLSTONECRAFT, 1833, p. III). No relativo a seus afazeres de ordem laboral, diz-se que Wollstonecraft se tornou professora por razões de caridade ou filantropia, e durante o tempo em que se dedicou ao ofício, demonstrou provas de alta qualificação na prática de suas árduas e importantes obrigações (WOLLSTONECRAFT, 1833, p. III). A partir de uma temporada vivida em Lisboa (Portugal), a pensadora teve sua consciência expandida em função desta vivência em um país estrangeiro, obtendo, dentre outros aprendizados, instrutivas lições sobre os males da superstição e da intolerância (WOLLSTONECRAFT, 1833, p. IV).

Continua sua biografia, afirmando que, ao retornar para a Inglaterra, Wollstonecraft, tendo previamente se disposto a se dedicar à literatura, resolveu iniciar esta labuta intelectual. Em 1787, fez ou recebeu propostas de um editor londrino chamado Johnson, que já conhecia do talento da autora. Nos três anos seguintes, Wollstonecraft se dedicou à tradução e compilação de obras literárias, mais do que em produzir escritos originais (WOLLSTONECRAFT, 1833, p. IV). Com esta atividade ora desempenhada, “*she had acquired a facility in the arrangement and expression of thoughts in her avocation of translator, and compiler, which was no doubt of great use to her afterward. It was no long until she had occasion for them*” (WOLLSTONECRAFT, 1833, p. V).

Com a publicação de *Reflections on the revolution in France*, de Edmund Burke, a autora, tomada de anseios de liberdade e indignada com o que julgava ser subversivo, tratou de escrever o primeiro ataque sobre a célebre obra. Segundo sua biografia, considera-se que tal posicionamento, no geral, se saiu muito satisfatoriamente, isso porque embora desdenhoso e destemperado, foi, porém, eloqüente e isso de forma impetuosa e veemente. No relativo à sua auto-estimativa, em face dessa obra divulgada, diz-se que embora a princípio não confiasse muito em sua capacidade de escritora, a receptividade que viu sua obra alcançar no público lhe deu oportunidade de julgar o que seriam seus pendores nas estimativas de outrem. E dessa forma, em face dessa nova perspectiva, ela começou a desenvolver o trabalho que, em seu conjunto, lhe daria notoriedade (WOLLSTONECRAFT, 1833, p. V). Wollstonecraft faleceu em setembro de 1797 (WOLLSTONECRAFT,

1833, p. VIII), no parto de sua segunda filha, que se tornaria a também célebre escritora Mary Shelly.

Escrita sobre o livro *A vindications of the rights of woman*, sua biografia faz uma ponderação que bem se aplicaria à obra de Wollstonecraft como um todo, ao afirmar que suficiente seria dizer que ela parece ter se lançado ousada e isoladamente, “*in defence of that half of the human race, which by the usages of all society, whether savage or civilized, have been kept from attaining their proper dignity – their equal rank as rational beings*” (WOLLSTONECRAFT, 1833, p. VI). Ao final deste relato biográfico, destaca-se a afirmação de que se poderia traçar a causa para contextos de natureza anti-social, e não serão os indivíduos isoladamente, mas o corpo social como um todo, que deve mudar tais contextos; e isso não através da promulgação de normas, mas sim por meio de uma mudança na opinião pública (WOLLSTONECRAFT, 1833, p. VIII).

Em meio à sua obra *A vindication of the rights of men*, Mary Wollstonecraft afirma que verdadeiramente sublime vem o ser o caráter que age por princípios e que governa os instintos de agir, sem diminuir o seu vigor, “*whose feelings give vital heat to his resolves, but never hurry him into feverish eccentricities*” (WOLLSTONECRAFT, 1790, p. 6).

Na dedicatória de seu livro *A vindications of the rights of woman*, direcionado ao Bispo de Autun, a autora declarou dedicar tal obra a ele, na tentativa de, em relação ao direito das mulheres e a educação nacional, induzi-lo a reconsiderar o assunto e a levar em consideração as suas ponderações sobre o tema. E adiciona, afirmando que clama com o tom firme da humanidade, pois seus argumentos são ditados por um espírito desinteressado. Em suas palavras: “*- I plead for my sex — not for myself. Independence I have long considered as the grand blessing of life, the basis of every virtue*” (WOLLSTONECRAFT, 1891, p. VII).

No capítulo I desta obra supracitada; a autora diz que a perfeição da natureza humana e a capacidade de ser feliz devem ser estimadas pelo respectivo grau de razão, virtude e conhecimento que distinguem o específico indivíduo, grau este que deveria igualmente direcionar as leis que regulam a sociedade. Tal exercício de razão, conhecimento e virtude fluirá naturalmente, é inegável, se a humanidade for vista coletivamente (WOLLSTONECRAFT, 1891, p. 39), e isso sem que haja distinções entre os sexos. À frente neste capítulo, Wollstonecraft afirma que os seres humanos do sexo masculino, em geral, parecem empregar sua razão para a justificar certos preconceitos absorvidos pelos mesmos, preconceitos esses

dos quais dificilmente teriam como traçar sua origem, e que não buscam sua erradicação (WOLLSTONECRAFT, 1891, p.40).

5 MARY SOMERVILLE (1780-1872)

Sobre a autora, escreve o biógrafo John W. Cousin que foi autora de obras de matemática e ciências em geral, tendo se casado duas vezes, sendo que a primeira foi com um oficial da marinha russa, chamado Grieg, e em segundas núpcias com um primo seu, Dr. William Somerville. Embora cedo já tenha manifestado seu pendor pelo estudo, particularmente pela ciência, teve pouca oportunidade de seguir estas suas inclinações pessoais, até o falecimento de seu primeiro marido. Já casada com William Somerville (que era simpático ao gosto da autora pela ciência), foi residir em Londres, e nesta cidade viu seus talentos serem reconhecidos pelos círculos científicos (COUSIN, 1910, p. 349).

Sobre seu primeiro marido, afirma a própria Mary Somerville que embora ele não a tenha impedido de estudar, não encontrou no mesmo qualquer apoio em relação à essa sua iniciativa, em função de sua opinião desfavorável em relação à capacidade do sexo feminino, além de não ter qualquer conhecimento ou interesse em ciência (SOMERVILLE, 1874, p. 75).

No relativo às suas atividades de pesquisadora, Mary Somerville diz que, em certo momento, embora ainda ocupada com o tema das produções minerais da Terra, se tornou mais interessada na formação do próprio planeta em si. Sobre uma das conclusões de seus estudos, afirma a autora que nada tinha mais a concedido como prova de natureza convincente no que concerne à unidade da obra Divina, do que as concepções da ciência dos números, da matemática (SOMERVILLE, 1874, p. 140).

Escreve o biógrafo John W. Cousin que em 1823, a autora foi convidada por Lord Brougham a divulgar a mecânica celeste de La Place. Ela o fez com grande sucesso, publicando um trabalho denominado *The Celestial Mechanism of the Heavens*, em 1830. Em sequência, Mary Somerville lançou outros trabalhos, dentre os quais um livro intitulado *The Connection of the Physical Sciences*, em 1834. Em seus últimos dias, a autora recebeu uma pensão do governo inglês, vindo a falecer aos 92 anos, em Nápoles (Itália), onde residiu no último decênio de sua vida (COUSIN, 1910, p. 349).

Em suas próprias palavras, Somerville se refere a ocasiões em que foi agraciada. Diz ela que foi eleita membro honorário da *Royal Academy* em Dublin (Irlanda), da *Bristol Philosophical Institution*, e da *Société de Physique et d'Historie Naturelle* de Genebra (Suíça). Assim também: “*at a general assembly of the Italian Geographical Society, at Florence, on the 14th March, 1870, I was elected by acclamation an Honorary Associate of that distinguished society*” (SOMERVILLE, 1874, p. 351).

Era a autora consciente a respeito do contexto sócio-político de seu tempo. Afirmou ela que tinha respeito pela liberdade de consciência, e assim evitava interferir nas opiniões alheias. Outrossim, escreve: “*and in all the books which I have written I have confined myself strictly and entirely to scientific subjects, although my religious opinions are very decided*” (SOMERVILLE, 1874, p. 141).

Mary Somerville, sobre legislações referentes aos seres humanos do sexo feminino, afirmou que as leis britânicas eram desfavoráveis às mulheres, e estas estariam profundamente em dívida com o sr. Stuart Mill pelo fato dele ousar demonstrar a iniquidade e a injustiça presente nessas normas (SOMERVILLE, 1874, p. 344). Note-se que John Stuart Mill publicou em 1869 o livro *The subjection of women*, onde, então, por exemplo, afirmou que o princípio que regula as relações sociais existentes entre os dois sexos da espécie humana – a subordinação legal de um sexo pelo outro – é errado em si mesmo (MILL, 1870, p. 1). Somerville ainda afirmou que a idade não abateu sua determinação pela emancipação do seu sexo feminino do preconceito injustificável e tão prevalente na Grã Bretanha, contra uma instrução escolar científica e literária para mulheres (SOMERVILLE, 1874, p. 345).

Em sua obra *Mechanism of the heavens*, na chamada *preliminary dissertation*, Somerville declarou que a ciência, considerada como a busca pela veracidade, que só pode vir a ser alcançada por meio de uma investigação paciente e sem ideias preconcebidas, em que nada será tão grande para ser experimentado e nada será tão minúsculo a ponto de ser desconsiderado, deve sempre proporcionar uma ocupação de consumado interesse e de elevada meditação. A contemplação das obras da Criação eleva a mente para a admiração de tudo que é valoroso e nobre, e robustece o objeto de todo estudo, o que, na elegante linguagem de Sir James Mckintosh; se traduz em inspirar o amor pela verdade, pela sabedoria, pelo belo, especialmente pela bondade, a maior das belezas; como também o amor por aquela eterna e suprema mente, que contém toda a verdade e sabedoria, toda beleza e bondade (SOMERVILLE, 1831, p. VI).

6 MARY ANN EVANS (GEORGE ELIOT) (1819-1880)

Afirma a biógrafa Barnett Smith, que, registrada como Mary Ann Evans, embora, não raro, se inscrevesse Marian Evans, nasceu a autora em Arbury Farm, a uma curta distância de Nuneaton, em 22 de novembro de 1819 (SMITH, 1893, p. 87). Iniciou Evans suas atividades literárias com traduções, dedicando, por exemplo, três anos deste labor com a obra *Das Leben Jesu* de David Friedrich Strauss, tradução esta publicada em 1846 por um amigo da autora, Dr. John Chapman. Na sequência, traduziu duas obras de Spinoza, quais sejam *Tractatus Theologico-Politicus* e *Ethics* (SMITH, 1893, p. 89-90).

Após um período de ausência da capital inglesa, Evans retornou para Londres em março de 1850, e em setembro do ano seguinte tornou-se editora assistente do *Westminster Review*. Por este tempo traduziu *Essence of Christianity* de Feuerbach, único trabalho em que usou seu nome verdadeiro. Neste momento e contexto de sua vida, a autora passou a entrar em contacto com muitas celebridades literárias da época, pessoas essas que eram colaboradoras do *Westminster Review*. Suas contribuições próprias para este periódico não foram numerosas, mas se podia identificar todo um vigor e originalidade no que escreveu (SMITH, 1893, p. 90). Em meio à esta vivência, Evans, passando a manter relações de amizade com Herbert Spencer e George Henry Lewes, a intimidade com este último – então separado de sua esposa – cresceu a tal ponto que em 1854 eles desafiaram os usos de sua sociedade ao formarem uma união não legalizada, que durou até a morte de Lewes em 1878 (SMITH, 1893, p. 90).

Informa a biógrafa Barnett Smith, sobre Evans, que em 1856 ela realizou sobre sua primeira tentativa literária no campo da ficção, sendo incentivada por Lewes. Por isso, a posteridade deve àquele homem brilhante e versátil, uma grande dívida de gratidão. O surgimento da obra *The Sad Fortunes of the Rev. Amos Barton*, o primeiro conto das *Scenes of Clerical Life*, na *Blackwood's Magazine*, fez surgir o mais profundo interesse nos círculos literários. Com a publicação de toda a série das *Scenes*, um outro grande novelista, qual seja Charles Dickens, foi o primeiro a expressar sua convicção de que o autor destas obras era uma mulher (SMITH, 1893, p. 91).

A historiadora Gertrude Himmelfarb, em seu livro sobre a trajetória de Evans, chamado *The Jewish Odyssey of George Eliot*, comentando sobre esta primeira incursão da autora na seara da ficção, afirma: “if the

novel itself was all of a whole, there remains the question of whether it was also all of a whole with the rest of Eliot's life and work. 'September, 1856', she wrote in a memorandum of that date, 'made a new era in my life' (HIMMELFARB, 2012, p.2). Segundo esta historiadora, foi nesse momento em que a autora deixou de ser Mary Ann Evans como dizia seu registro de nascimento, ou o anônimo colaborador do Westminster Review, ou ainda a Marian Evans que traduziu uma obra de Feuerbach, passando a ser George Eliot, sendo este o nome que constou na identificação do autor de *Amos Barton* (HIMMELFARB, 2012, p. 2).

Segundo Gertrude Himmelfarb, “*'George' is presumed to have come from George Lewes, with whom she was then living*” (HIMMELFARB, 2012, p. 2). O que se diz a respeito do uso deste pseudônimo para identificar o autor dessa obra (que acabaria sendo utilizada em toda a produção literária da autora, a partir de então), é que Eliot teria declarado adotar um nome masculino para garantir que sua obra seria levada a sério (HIMMELFARB, 2012, p. 2). Tal procedimento não deixa de ser questionável, visto que outras escritoras célebres da época e de obras desta natureza mantiveram seus próprios nomes para sua identificação artística.

Apesar do uso de um pseudônimo para suas obras ficcionais, a romancista não ficou tão isolada dos seus papéis de ensaísta e tradutora, que antes desempenhava. Neste pormenor, destaca Himmelfarb: “*the last and more challenging of her novels, Daniel Deronda, was, in a sense, a retrospect of her life and mind, a refashioning of the moral, social, and religious themes that had always occupied her, in one form or another*” (HIMMELFARB, 2012, p. 2). Ou seja, poder-se-ia identificar neste caso uma combinação harmônica entre a ficção e o ensaio.

Sobre a vida da agora conhecida como George Eliot, a biógrafa Barnett Smith destaca que o falecimento de George Lewes, em 1878, foi um golpe muito duro na vida da autora. Embora tenha se casado, em maio de 1880 (com o sr. John Walter Cross), tal união foi efêmera, pois em 22 de dezembro do mesmo ano, Eliot veio a falecer, sem dor e de forma tranquila. Em 1883, seus ensaios para o Westminster Review foram reunidos e publicados, e no ano seguinte veio sua biografia, organizada por seu viúvo (SMITH, 1893, p. 94).

No relativo especificamente à obra literária de George Eliot, no relativo às questões sobre os seres humanos do sexo feminino de seu lugar e sua época, pode-se citar que no prelúdio do primeiro volume de sua obra *Midllemarch, a study of provincial life*, que trata sobre Santa Teresa

de Ávila, a autora escreveu em um comovente texto, um retrato sobre a vida de mulheres do seu tempo, mas não só dele. Escreveu George Eliot: “muitas Therasas nasceram e não encontraram para si uma vida épica em que houvesse uma constante manifestação de ação vibrante¹” (ELIOT, 1887, p. 3 – tradução nossa); “talvez apenas uma vida de erros, o produto de uma certa grandeza espiritual mal combinada com a mesquinhez da oportunidade. Talvez uma falha trágica que não encontrou nenhum poeta sagrado e afundou no esquecimento²” (ELIOT, 1887, p. 3-4 – tradução nossa). “Com as luzes fracas e as circunstâncias complicadas, tentavam moldar seu pensamento e ação em um nobre ajuste; mas afinal, para os olhos comuns, suas lutas pareciam mera inconsistência e amorfas³” (ELIOT, 1887, p. 4 – tradução nossa). “Para estas Therasas nascidas mais tarde não ajudou nenhuma fé e ordem social coerente que pudesse executar a função de conhecimento para a alma ardentemente disposta⁴” (ELIOT, 1887, p. 4 – tradução nossa). “Seu ardor se alternava entre um ideal vago e o anseio comum da feminilidade; de modo que um foi desaprovado como extravagância, e o outro condenado como um erro leve⁵” (ELIOT, 1887, p. 4 – tradução nossa).

7 CONSTANCE NADEN (1858-1889)

Em uma biografia sobre a autora, escreveu William R. Hughes que Constance Caroline Woodhill Naden nasceu na casa de número 15 da Francis Road, em Edgbaston, nos subúrbios de Birmingham, em 24 de janeiro de 1858, Indo residir com os avós, após o falecimento da mãe, diz-se que Naden, em parte por viver de forma reclusa com pessoas bem mais idosas; cresceu como uma pessoa curiosa, reservada, meditativa e silenciosa. Outras características marcantes dela, reconhecidas desde cedo, foram sua memória privilegiada e a absoluta sinceridade (HUGHES, 1890, p. 6-7).

¹ “Many Therasas have been born who found for themselves no epic life wherein there was a constant unfolding of far-resonant action;”

² “Perhaps only a life of mistakes, the offspring of a certain spiritual grandeur ill-matched with the meanness of opportunity. Perhaps a tragic failure which found no sacred poet and sank unwept into oblivion.”

³ “With dim lights and tangled circumstance they tried to shape their thought and deed in noble agreement; but after all, to common eyes their struggles seemed mere inconsistency and formlessness”.

⁴ “For these later-born Therasas were helped by no coherent social faith and order which could perform the function of knowledge for the ardently willing soul”.

⁵ “Their ardor alternated between a vague ideal and the common yearning of womanhood; so that the one was disapproved as extravagance, and the other condemned as a lapse”.

Afirma esta sua obra analisada biografia, que entre os vários livros que Naden leu em seus primeiros anos, os relativos ao misticismo a atraíram muito, especialmente as obras de autores como James Hinton e Rev. R. A. Vaughn (HUGHES, 1890, p. 11).

No relativo à atividade profissional e formação acadêmica, noticia-se que a autora lecionou por um tempo no *Home for Friendless Girls*, localizado em Bristol Street, Birmingham. Depois de sair desta escola, Naden passou a se dedicar ao estudo de idiomas; chegando a dominar o francês, alemão, latim, e elementos de grego, É neste período de vida que surge sua obra intitulada *Songs and Sonnets of Springtime* (HUGHES, 1890, p. 16).

No período entre 1879 e 1881, Naden frequentou cursos de botânica e campo, respectivamente, no *Birmingham Institute* e no *Midland Institute*. No outono de 1881 acabaria por ingressar no *Mason College*, instituição à qual a autora se tornou grata por ter obtido uma formação científica absolutamente sólida (HUGHES, 1890, p. 17-18).

Quanto à formação intelectual de Constance Naden, a biografia de Hughes informa que a mesma estava embasada com o conhecimento de várias ciências (tais como física, química, botânica, zoologia, fisiologia e geologia); e com gostos refinados no campo literário, artístico e poético (HUGHES, 1890, p. 22).

Durante sua vida acadêmica no *Mason College*, Naden proferiu notáveis palestras e foi laureada. Cita-se inicialmente um destacado discurso sobre *Special Creation and Evolution*. Em 1885, a autora recebeu o *Panton Prize* de melhor ensaio sobre *Geology of the District*. Em 1887, informa-se sobre discurso tratando sobre *The Data of Ethics*. Ainda aluna no *Mason College*, e no mesmo ano de 1887, Naden escreveu um ensaio intitulado *Induction and Deduction*, obra que foi premiada com a *Heslop Gold Medal*, a mais alta premiação oferecida até então à produção científica daquela instituição (HUGHES, 1890, p. 22-23).

Quanto à produção científica e literária da autora, a biografia de Hughes informa inicialmente que, no total, Constance Naden apresentou uma série de três discursos sobre a doutrina da evolução, denominados, respectivamente; *Special Creation and Evolution*, *The Data of Ethics* e *The Principles of Sociology* (HUGHES, 1890, p. 26). Além disso, ela foi uma escritora prolífica em prosa, apresentando escritos onde se identificava de forma variada (às vezes pelas iniciais CN ou CA, por vezes pelo pseudônimo Constance Arden) (HUGHES, 1890, p. 29). Constam também no legado

literário de Naden escritos de natureza poética, que foram reunidos na obra *Complete poetical works*, publicada após o falecimento de Naden.

Constance Naden faleceu em 23 de dezembro de 1889, aos 31 anos. Comentando o conjunto da obra de Constance Naden, afirma William A. Tilden, professor de química da *Mason College*: “*she transferred her active intelligence, her keen reasoning faculty, and great powers of acquisition, to new ground*” (HUGHES, 1890, p. 68).

Em face do falecimento da autora, o filósofo inglês Herbert Spencer endereçou uma carta, datada de 10 de junho de 1890, ao Dr. Lewins, mentor e amigo da autora, onde, sobre Constance Naden, afirmou que, geralmente, receptividade e originalidade não estão associadas, mas em seu gênio elas pareciam ter sido igualmente grandes. Spencer ainda diz que não conseguiu pensar em nenhuma outra mulher, com a exceção de George Eliot, onde houvesse essa união de alta capacidade filosófica com extensa percepção. Encerrou, Spencer, afirmando que, de forma inquestionável, a arguta inteligência de Naden teria feito muito em prol do pensamento racional, e seu falecimento implicou em uma séria perda (HUGHES, 1890, p. 89).

Em memória de Constance Naden, o seu amigo e docente de geologia na *Mason College*, professor Lapworth, declarou que a autora possuía uma mente dominada pela noção de uma essencial unidade da natureza e do íntimo relacionamento entre os seres humanos e todos os demais membros do universo animado e inanimado.

Para os fins da ciência da natureza (e por tal termo poderíamos incluir todas as ciências que ela pessoalmente estudou), Naden visou o real conhecimento da relação do ser humano com a natureza em geral, que lhe daria terreno firme para se fixar, quando ela trabalhava em seu tema favorito, a relação dos seres humanos com seus semelhantes (HUGHES, 1890, p. 24).

E é justamente sobre a relação entre o ser humano e seu semelhante, que serão aqui destacadas algumas citações do legado literário de Constance Naden.

Na introdução de seus *Philosophical tracts*, Naden afirmou neste sentido: “*no man, however unsocial, can isolate himself from his kind. Secluded in a hermitage, he still cannot renounce his membership of human society; that is to say, his human nature*” (NADEN, 1891, p. 134).

Continua a autora, nesta obra, afirmando que o intelecto e a moralidade pertencem ao ser humano apenas como um ser social; de

modo que a sociedade não apenas o engloba, mas constitui sua própria mente e caráter; e assim tentar escapar de seu próprio intelecto seria como tentar se separar da humanidade. Comenta que houve quem afirmasse que ninguém poderia ser moral ou imoral, se sozinho em uma ilha deserta; mas esta é uma falsa maneira de expressar uma ideia verdadeira. O herói de Defoe (referindo-se a Robinson Crusoe) é capaz de moralidade, porque um ideal social, ao qual ele pode referir suas ações e pensamentos, já existe em sua mente. Assim, tal sujeito se repreende por ceder ao pensamento desanimado, e considera suas desgraças como a justa punição de seus pecados. Por outro lado, ainda coloca Naden, um solitário Adão nada saberia a respeito de dever ou de justiça, porque estas são concepções que implicam a adesão à uma comunidade. Dessa forma, Adão, longe de ser o tipo perfeito de homem, não seria homem de forma alguma; pois as qualidades morais são realmente relações morais, e um caráter não relacionado a outros sujeitos seria desqualificado; isto é, seria puramente negativo (NADEN, 1891, p. 134).

Ainda nos *Philosophical tracts*, Constance Naden apresenta algumas considerações sobre filosofia. Afirmar ela que o filósofo, acima de todos os outros seres humanos, deve guardar esta verdade no coração, e mantê-la constantemente na lembrança, qual seja o fato de que se tiver um pensamento arrogante, não pode ser encarado como estando em um caminho para promover o bem comum; deve renunciar à sua titulação a ser respeitada ou mesmo a ser mantido vivo e nutrido pelo desperdício de seu tecido cerebral. À frente, a autora coloca que cada sistema de pensamento deve reivindicar validade universal. O significado de filosofia como um todo consiste em sua pretensão de ser o que todo ser humano saudável necessariamente pensaria, se este sujeito pudesse racional e completamente analisar o conteúdo de sua própria mente (NADEN, 1891, p. 135).

Comentando a obra *Data of ethics* de Herbert Spencer, a autora, em seu artigo *Evolutionary ethics*, afirma: dizem-nos que a vida não é digna de ser vivida sem o apoio de doutrinas que estão visivelmente desmoronando, e que a justiça e a benevolência são apenas pensionistas do velho monarca cego, a fé. Não obstante, ao invés de nos resignarmos à dolorosa alternativa de atrofia moral ou escuridão intelectual, examinemos as idéias de um grande pensador, que alega encontrar a raiz das virtudes no fundo da mente humana, e organicamente com sua natureza (NADEN, 1890, p. 101).

Em seu artigo *Principles of sociology*, Naden afirma que os princípios relativos à uma ciência não podem ser inteligentemente aceitos

até seus dados se tornarem compreensíveis, organizados em conjunto, vistos e analisados de todos os ângulos, e conhecidos em todos os seus mútuos comportamentos. Se, ausente tal conhecimento, os princípios são tidos como verdade, eles mudam seu caráter, e se transformam em dogmas (NADEN, 1890, p. 178).

CONCLUSÕES

O que pôde, inicialmente, ser percebido da análise das obras de várias das eminentes pensadoras citadas, é a variedade dos campos de conhecimento onde as mesmas empregaram sua inteligência e vitalidade, apresentando obras de envergadura e qualidade.

Uma explicação para tal diversidade de campos de conhecimento encontrados nas obras iluministas como um todo, e das autoras ora analisadas em particular, é dada por Isaiah Berlin na introdução de sua obra *The age of enlightenment*. Diz Berlin que o século XVIII é talvez o último período na história da Europa ocidental onde a onisciência humana era considerada um objetivo alcançável. O progresso sem paralelo da física e da matemática no século XVII transformou a visão tradicionalmente mantida do mundo material e, ainda mais, da natureza do conhecimento verdadeiro, e isso no sentido de que tal época ainda permanece como uma barreira entre os dias mais atuais e as eras que precederam o iluminismo, e faz com que a criação filosófica medieval e mesmo a do renascimento, pareçam remotas, fantasiosas e, por vezes, quase inteligíveis (BERLIN, 2017, p. 4).

Procurou esta análise se abster de quaisquer enunciações de inclinações ideológicas ou comportamentais, evitando, ao máximo possível fugir da fácil rotulação de um *ismo* para delimitar e definir a natureza das opiniões afirmadas e posições assumidas. Não obstante tal desiderato é evidente que tratar da temática sobre valorosas mulheres que revelaram ao mundo uma valiosa produção intelectual e que, cada um do seu modo, buscou afirmar uma posição de crescente respeito e dignidade em seu meio social, é de certa forma, se encontrar em meio ao que atualmente se chama feminismo.

Considere-se, porém, que, conforme atestado por Sarah Knott e Barbara Taylor, o termo feminismo não entrou em uso até o final do século XIX – bem depois da Declaração dos Direitos da Mulher de Seneca Falls, e assim também dos tratados da era revolucionária francesa de De Gouges e de Wollstonecraft. Porém, seu uso poderia ser justificado, já na

época áurea do iluminismo, dada a presença, naquele momento, do que foi chamado campeonato ou defesa de mulheres, que vinha a ser uma franca posição pró-mulher englobando uma ampla gama de argumentos e estratégias retóricas, que variavam de hagiografias de mulheres notáveis a ataques verbais de ardente guerra sexual na tradição das *querelles des femmes*, ou bem ensaiadas demandas de melhoria na educação feminina (KNOTT; TAYLOR, 2005, p. XVII).

O que aqui se verificou neste estudo, e isso deve ser valorizado e enaltecido, são seres humanos (que nesse caso são do sexo feminino) que foram conscientes das vicissitudes e dos legítimos anseios do mundo que as cercavam, e que procuraram dar sua cota de colaboração e seu suor na tentativa de conscientizar as pessoas para que tomassem um caminho mais positivo e saudável para a totalidade da sua sociedade, ou que a esta como um todo pudessem ser oferecidos mais recursos para seu desenvolvimento e existência mais digna.

É importante frisar que enaltecer o esforço e a criação intelectual destas eminentes pensadoras, representantes do iluminismo britânico e da criação literária em geral, nesta região do mundo, considerado neste presente estudo entre os séculos 17 e 19; não quer dizer, em uma postura maniqueísta, negar a relevância de outras honradas e valorosas mulheres de seu tempo que, através de outros meios e misteres, puderam colaborar, cada uma do seu jeito, para o engrandecimento da sociedade onde elas e suas respectivas famílias viveram.

Note-se que, tal como afirmam Knott e Taylor, as primeiras modernas vencedoras dos supramencionados campeonatos ou defesas das mulheres não foram organizadoras de movimentos, não se reuniram em ligas ou publicaram manifestos; mas isso não significa que não tenham tido influência cultural. As doutrinadoras pontuam que, em verdade, já no final do século XVII, o sentimento pró-mulheres era uma característica reconhecida (se não sempre respeitável) da opinião progressista (KNOTT; TAYLOR, 2005, p. XVII).

De forma crescente na doutrina de anos mais recentes, “*women have been established as active participants in the enlightenment process, and as figures who were capable of making their own intellectual contributions to the period*” (MCLEAN, 2010, p. 8).

E, corroborando o supramencionado parágrafo, bem ao contrário do que, de forma precipitada, poder-se-ia afirmar, suas considerações, embora não tendo deixado de lado as justas reivindicações dos seres humanos do

sexo feminino da sua época (com exigências quanto à igualdade de condições na vida política ou trabalhista), também colaboraram no desenvolvimento de importantes campos de conhecimento geral; como o direito ou a história, e outras ciências, e isso, óbvia e naturalmente, em absoluta igualdade de condição e brilhantismo junto aos seus pares do sexo masculino.

Houve barreiras, e as várias biografias não escondem esta constatação. Por mais que sejam fatos que o respectivo momento histórico explique (embora nada o justifique), a algumas delas muitas vezes não houve o reconhecimento que mereciam ter recebido, e que somente nos séculos vindouros efetivamente veio. Mas isso somente reforça o mérito do esforço e abnegação por elas empreendido.

REFERÊNCIAS

ASTELL, Mary. **A serious proposal to the ladies, for the advancement of their true and greatest interest, in two parts.** London (England): Richard Wilkin, 1697.

ASTELL, Mary. **Letters concerning the love of God, between the author of the proposal to the ladies and Mr. John Norris.** 2. ed. London (England): Samuel Danthip and Richard Wilkin, 1705.

ASTELL, Mary. **Some reflections upon marriage.** 4 ed. London (England): William Parker, 1730.

ERLIN, Isaiah. **The age of enlightenment.** The eighteenth century philosophers. 2 ed. Oxford (England): The Isaiah Berlin Literary Trust, 2017.

BRITISH LIBRARY. Margaret Cavendish. **People: all discovering literature, restoration & 18th century people.** Disponível em: <https://www.bl.uk/people/margaret-cavendish>. Acesso em: 31 jul. 2019.

CAVENDISH, Margaret. **Poems and fancies.** London (England): F. Martin and F. Allestrye, 1653.

CAVENDISH, Margaret. **The philosophical and physical opinions, written by her excellency, the lady marchionesse of Newcastle.** London (England): F. Martin and F. Allestrye, 1655.

CAVENDISH, Margaret. **The description of a new world, called the blazing-world.** London (England): A. Maxwell, 1668.

CAVENDISH, Margaret. Autobiography of the marchioness of Newcastle. *In*: JENKINS, Edward (ed.). **The cavalier and his lady, selections from the works of the first duke and duchess of Newcastle.** London (England): Macmillan and co., 1872. p. 31-77.

COUSIN, John W. **A short biographic dictionary of english literature.** London (England): J. M. Dent & Sons, 1910.

ELIOT, George. **Middlemarch**, a study of provincial life, volume 1. Boston (United States): Estes and Lauriat, 1887.

GRAHAM, Henry Grey. **Scottish men of letters in the eighteenth century.** London (England): Adam and Charles Black, 1901.

HIMMELFARB, Gertrude. **Os caminhos para a modernidade.** Tradução de Gabriel Ferreira da Silva. São Paulo: É Realizações, 2011.

HIMMELFARB, Gertrude. **The jewish odyssey of George Eliot.** New York (United States): Encounter Books, 2012.

HUGHES, William R. Constance Naden. **A memoir.** London (England): Bickers & Son, 1890.

KNOTT, Sarah; TAYLOR, Barbara. General introduction. *In*: KNOTT, Sarah; TAYLOR, Barbara (eds.). **Women, gender and enlightenment.** New York (United States): Palgrave Macmillan, 2005. p. XV-XXI.

MACAULAY, Catharine. **Observations on a pamphlet, entitled, thoughts on the cause of the present discontents.** 4. ed. London (England): Edward and Charles Dilly, 1770.

MACAULAY, Catharine. **An address to the people of England, Scotland, and Ireland, on the present important crisis of affairs.** 2. ed. London (England): Edward and Charles Dilly, 1775.

MCLEAN, Ralph. **The enlightenment.** 1. ed. Coventry (England): University of Warwick, 2010.

MILL, John Stuart. **The subjection of women.** 3. ed. London (England): Longmans, Green, Reader and Dyer, 1870.

NADEN, Constance. Evolutionary ethics. *In*: LEWINS, R. (ed.). **Induction and deduction, a historical & critical sketch of successive philosophical conceptions respecting the relations between inductive and deductive thought and other essays by Constance C. W. Naden.** London (England): Bickers & Son, 1890. p. 101-142.

NADEN, Constance. The principles of sociology. *In*: LEWINS, R. (ed.). **Induction and deduction, a historical & critical sketch of successive philosophical conceptions respecting the relations between inductive and deductive thought and other essays by Constance C. W. Naden.** London (England): Bickers & Son, 1890. p. 177-192.

NADEN, Constance. Philosophical tracts. *In*: MCCRIE, George M. (ed.). **Further reliques of Constance Naden:** being essays and tracts for our times. London (England): Bickers and Son, 1891. p. 134-190.

SMITH, Florence M. Mary Astell. New York (United States): Columbia University Press, 1916.

SMITH, G. Barnett. **Women of renown, nineteenth century studies.** London (England): W. H. Allen & Co. Limited, 1893.

SOMERVILLE, Mary. **Mechanism of the heavens.** London (England): John Murray, 1831.

SOMERVILLE, Mary. **On the connexion of the physical sciences.** 5 ed. London (England): John Murray, 1834.

SOMERVILLE, Mary. **Personal recollections, from early life to old age.** Boston (United States): Roberts Brothers, 1874.

WARMAN, Caroline (ed.). **Tolerance: the beacon of the enlightenment.** Cambridge (England): Open Book Publishers, 2016.

WOOLSTONECRAFT, Mary. **A vindication of the rights of men in a letter to the right honourable Edmund Burke;** occasioned by his reflections on the revolution in France. 2 ed. London (England): J. Johnson, 1790.

WOOLSTONECRAFT, Mary. **A vindication of the rights of woman with strictures on political and moral subjects.** New York (United States): A. J. Matsell, 1833.

WOOLSTONECRAFT, Mary. **A vindication of the rights of woman with strictures on political and moral subjects.** London (England): T. Fisher Unwin, 1891.